

“PEDEM-ME UM POEMA” DE JOÃO CABRAL E A SUA TRADUÇÃO PARA O POLONÊS

Henryk Siewierski

O convite para participar deste número de *Tradução em Revista* me fez perceber como ainda é modesta a lista das traduções da poesia lusófona para o polonês. Por isso, em vez de escrever sobre as traduções já existentes, decidi aproveitar a ocasião para traduzir mais um poema. Escolhi o poema de João Cabral “Pedem-me um poema”, que li pela primeira vez na revista *Veja*, de 10 de outubro de 1999, publicado junto com a notícia da morte do poeta. A comoção da leitura naquele momento fez com que o poema entrasse naquela antologia pessoal que se quer compartilhar com os outros.

João Cabral utiliza-se da própria cegueira para salientar a concretude visual do poema. O cego vê melhor qual é a função da visão na construção do poema que, como a obra do pintor, “é coisa sobre um espaço”. A palavra precisa da letra e a letra precisa da sua sustentação no espaço.

Como fazer o poema sem vê-lo se ele é uma composição que ordena as coisas da vida situadas no espaço, como as margens ordenam o rio para que ele possa chegar a seu destino e, como o Beberibe e o Capibaribe, fazer o mar? Há no poema o que não pode ser ouvido, como não pode ser ouvida uma figura geométrica. A sua transmissão oral não basta, porque – insiste o poeta cego – o poema “é coisa de ver”.

Pedem-me um poema

Pedem-me um poema,
um poema que seja inédito,
poema é coisa que se faz vendo,
como imaginar Picasso cego?

Um poema se faz se vendo,
um poema se faz para a vista,
como fazer o poema ditado
sem vê-lo na folha inscrita?

Poema é composição,
mesmo da coisa vivida,
um poema é o que se arruma,

dentro da desarrumada vida.

Por exemplo, é como um rio,
por exemplo, um Capibaribe,
em suas margens domado
para chegar ao Recife,

onde com o Beberibe,
com o Tejipió, Jaboatão,
para fazer o Atlântico,
todos se juntam a mão.

Poema é coisa de ver,
é coisa sobre um espaço,
como se vê um Franz Weissman,
como não se ouve um quadrado.

Logo na primeira estrofe a tradução apresenta dois problemas. Entre “fazer” e “escrever” poema há uma diferença, que ganha relevância com a opção do poeta pelo verbo “fazer” no contexto em que o poema é tratado como artefato, uma “composição” e “coisa sobre um espaço”. O polonês não oferece esta opção. O verbo “fazer” não pode ser aplicado a um poema, o poema exclusivamente se “escreve” (*pisze* do verbo *pisać*). Uma perda inevitável pode ser compensada por um reforço semântico do verbo “escrever”, pois escrever (poema) vai significar agora também produzir uma coisa com as suas dimensões também geométricas.

Outro problema traz o adjetivo “cego”, que em polonês têm duas variantes: “ślepy” (cego) e “niewidomy” (privado de vista, o que não vê). O primeiro seria mais conveniente por razões rítmicas se não marcasse depreciativamente quem é cego. O adjetivo *niewidomy* quebra o ritmo, mas traz uma rima aproximada, semelhante à do original.

*Proszę mnie o wiersz,
wiersz jeszcze nie drukowany,
do wiersza potrzebne są oczy,
jak Picasso mógłby być niewidomy?*

[Pedem-me um poema
Um poema ainda não impresso,
O poema precisa de olhos
Como Picasso poderia ser cego?]

Na segunda estrofe é a “folha inscrita” que traz dificuldade. A tradução literal – *kartka zapisana* (folha escrita) – não traduz o uso original do adjetivo “inscrito”. Por

isso, uma decisão de dar preferência ao uso incomum das palavras, mantendo o significado apenas aproximado ao original e não sacrificando a rima:

*Wiersz pisze się widząc,
wiersz pisze się do oglądania,
czy można wiersz dyktować
nie widząc jak na kartce się układa?*

[Poema se escreve vendo
O poema se escreve para ser olhado,
É possível ditar o poema
Sem ver como ele pousa na folha?]

A terceira estrofe traz um desafio de rima (vivida/vida) e da necessidade de concisão maior do que a do original. “Coisa vivida” traduzida literalmente (*rzecz przeżywana; to, czym się żyje*), não rimaria com vida (*życie*) tão exato como no original. Foi preciso substituir “coisa vivida” pelo substantivo *przeżycie* (vivência), “vida” também prefixada, embora não derivada do verbo “viver”. A terceira e quarta linha traduzidas com toda a fidelidade (*wiersz jest tym, co się porządkuje/ w nieuporządkowanym życiu*), pecariam em polonês pelo excesso de zelo e, além disso, devido à necessidade de uso do locativo (*w życiu*) não permitiria a rima com a forma genitiva de *przeżycie*, que termina com *-a*. Por isso a “desarrumada vida” foi substituída na tradução pela “desordem da vida”. Eis o resultado das soluções adotadas:

*Wiersz to kompozycja,
nawet samego przeżycia,
wierszem jest porządek.
w nieporządku życia.*

[Poema é composição,
mesmo de uma vivência,
um poema é a ordem
dentro da desordem da vida]

Na quarta estrofe, a comparação do poema com o rio Capiberibe, que segundo a lenda se une ao rio Beberibe para juntos formarem o Oceano Atlântico, não traz maiores dificuldades. Difícil será, na quinta estrofe, convencer o leitor polonês que justamente esses dois rios, com mais dois, Tejipió e Jaboatão, formam o Atlântico. Embora este seja o fato comprovado, para os desconfiados pode servir uma nota de rodapé contando a lenda. A expressão “todos se juntam a mão”, embora tenha em polonês uma expressão

aproximada, utilizada neste contexto causaria um estranhamento exagerado. Por isso uma substituição que representa um acréscimo semântico, mas que permite manter a forma sucinta da estrofe e a rima: “para fazer o Atlântico,/todos se juntam a mão”, foi traduzido como *Ocean Atlantycki,/tworzą dzień i noc* (O Oceano Atlântico/ formam dia e noite).

*Jest on na przykład jak rzeka,
na przykład Capiberibe,
ujarzmiona w swych brzegach,
by mogła dopłynąć do Recife,*

*gdzie razem z Beberibe,
Jaboatão i Tejipió,
Ocean Atlantycki
tworzą dzień i noc.*

[Ele é, por exemplo, como rio,
Por exemplo, um Capibaribe,
Domado em suas margens,
Para que possa chegar ao Recife

onde com o Beberibe,
com o Tejipió, Jaboatão,
Oceano Atlântico
formam dia e noite]

Na última estrofe, a evocação de Franz Weissman (1911-2005), escultor austro-brasileiro, em cujas obras são fortemente trabalhadas as figuras geométricas, serve para reforçar a idéia do caráter espacial do poema, cuja percepção, portanto, precisa ser visual. Quem não vê, não ouve o que só pode ser transmitido visualmente. São insubstituíveis também as palavras “ver”, “espaço”, “ouvir”, “quadrado”, e, em polonês, não há sinônimos que permitam manter a rima *abcb*. Precisamos nos contentar com a rima que esta tradução quase literal nos oferece, que é a rima *abca*.

*Wiersz to rzecz, którą się widzi ,
rzecz obecna w przestrzeni,
Jak widzi się rzeźbę Weissmana,
Jak kwadratu nikt nie usłyszy.*

[Poema é coisa que se vê,
Coisa presente no espaço,
Como se vê uma escultura de Weissman,
Como o quadrado não pode ser ouvido.]

Ler João Cabral é presenciar de uma forma intensa a oralidade e o lado imagético da poesia numa relação que passa de um equilíbrio a uma tensão dramática e irônica, como no poema aqui traduzido. A oralidade coloquial ganha uma dimensão poética através da construção das formas geométricas, que não são apenas formas de versificação. Porque o poema se compõe e projeta também no espaço, o constrói, arruma. Aqui o poeta acaba doando o que ele próprio não pode ver. A tradução que se projeta no espaço da outra língua e outras paisagens é também a doação do poeta, a doação para ele invisível.

Proszą mnie o wiersz

Proszą mnie o wiersz,
wiersz jeszcze nie drukowany,
do wiersza potrzebne są oczy,
jak Picasso mógłby być niewidomy?

Wiersz pisze się widząc,
wiersz pisze się do oglądania,
czy można wiersz dyktować
nie widząc jak na kartce się układa?

Wiersz to kompozycja,
nawet samego przeżycia,
wierszem jest porządek
w nieporządku życia.

Jest na przykład jak rzeka,
na przykład Capiberibe,
ujarzmiona w swych brzegach,
by mogła dopłynąć do Recife,

gdzie razem z Beberibe,
Jaboatão i Tejió,
ocean Atlantycki
tworzą dzień i noc.

Wiersz to rzecz, którą się widzi,
Rzecz obecna w przestrzeni,
Jak widzi się obraz Weissmana,
Jak kwadratu się nie usłyszy.